

SOLENNIDADE DE NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO

Leituras: Ap 11, 19; 12,1.3.10; Sl 45/44; 1 Cor 15,20-27; Lc 1,39-56.

Saudações: Queridos Padres..., amadas Religiosas, prezadas Autoridades, meus Seminaristas, Animadores/as de Comunidades, Ministras/os Extraordinários da Sagrada Comunhão Eucarística, enfim, todos e todas, irmãs e irmãos que hoje vieram participar da solene celebração eucarística, em honra de *Nossa Senhora do Livramento*, nossa amada padroeira: peço para que a nossa Mãe interceda, junto do Filho e, livres de todo mal, muita paz reine em nós e entre nós.

Revivo hoje os sentimentos de intensa e íntima alegria espiritual do Jubileu que aqui celebramos no dia 23 do mês passado. Por isso, com e por vocês, quero agradecer à nossa *Mãe do Livramento* por tantas graças recebidas e por tantas belas iniciativas vividas no tempo de preparação. Nesse espírito, e com o desejo que, por intercessão de Nossa Senhora, a obra de evangelização continue e se intensifique, proponho algumas reflexões.

1. Maria é “a Mãe da Igreja evangelizadora e, sem Ela, não podemos compreender de maneira adequada o espírito da nova evangelização” (EG 284). *Bem-aventurada aquela que acreditou, porque será cumprido o que o Senhor lhe prometeu!* Com essas palavras, Isabel cumprimenta Maria em sua visitação. Maria é feliz, antes de tudo, *porque acreditou*. Em que Maria acreditou? Podemos dizer que a vida toda de Maria passou sustentada pela fé. *Como é possível?* pergunta-se desde o início; será que é Deus mesmo que está me chamando? O que Ele quer de mim? E, eu terei força suficiente para viver à altura do seu pedido?

À luz da palavra, perguntemo-nos: em que consiste a fé, e como vivê-la em nossa vida de cristãos, isto é, de discípulos/as do Senhor Jesus?

O essencial da fé, é acreditar que *Cristo ressuscitou dos mortos como primícias dos que morreram... até destruir o último inimigo, a morte* (II leitura). Maria acreditou que um raio de luz estava entrando na história da

humanidade; Ela o acolheu e se prontificou a *servir* nesse projeto de Deus; *Eu sou a serva do Senhor*, disse com prontidão e total disponibilidade. Ela abre caminho para uma vida que não se esgota no provisório do tempo que vivemos. Acredita que a esperança não ilumina só o tempo presente, mas abre para a eternidade.

2. A realidade cultural, social, econômica e política em que vivemos, fecha o horizonte nos estreitos limites do mundo presente. Até a religião é reduzida a mercadoria, a busca por curas e milagres e Deus é procurado como ‘tapa-buracos’ das humanas deficiências; nesse contexto, a oração pedido para que Deus faça a humana, vontade, ou se torna uma superficial emoção. Vivemos bombardeados por tantas mensagens que banalizam a vida, os sentimentos, a sexualidade, a família e as relações humanas, em geral. Disso provêm o descaso com o bem comum, a busca do aparecer e do se impor sobre os outros, vistos como concorrentes ou inimigos e as tantas manifestações de violências. Disso, decorrem, ainda, a corrupção, as drogas, as numerosas mortes. Esse é o *dragão* do qual fala o texto de Apocalipse. Na história do texto bíblico, era o Império romano que matava a vida dos cristãos e roubava a esperança dos pequenos. Hoje, o império do mal continua ameaçando a vida dos verdadeiros seguidores de Cristo que não se submetem ao poder da *Besta*, isto é, do mundo, com suas ambíguas propostas.

Nessa realidade, porém, escreve o livro do Apocalipse, quem segue o Senhor Jesus, não deve desanimar. A *Mulher*, imagem da Igreja perseguida, deve, sim, *fugir para o deserto*, mas Ela consegue *dar à luz o filho homem*. É símbolo da esperança dos que seguem o Senhor, que não se deixam iludir pelas promessas do inimigo, que acreditam firmemente na salvação que vem do Alto, que mantêm viva a esperança que leva à vitória sobre a morte, sobre qualquer morte que pode atingir a vida.

3. Nessa experiência, a presença de Maria é luminosa. “Ela é a mulher da fé e caminha na fé” (EG, 287), e “a sua extraordinária peregrinação

da fé representa um ponto de referência constante para a Igreja” (São João Paulo II, RM, 366)”. Maria *acreditou* com uma fé que, várias vezes, passando *pela noite*, pela escuridão, pela fadiga do acreditar. Não foi uma fé sustentada sempre por anjos e entusiasmos. Um pouco como a nossa fé, que passa por momentos de cansaço, de provações e dúvidas.

Hoje, à luz desse bonito encontro, como irmão, gostaria que minhas palavras entrassem no coração de cada um/a: “Coragem! Avante! Caminhemos com renovado vigor e mais puro amor, numa fé renovada, revigorada pelo exemplo e a intercessão da nossa *Mãe do Livramento*. Esse *livramento* consiste numa geração. Sim, Maria gera em nós Jesus, e nos aproxima do Seu Jesus, e também da Igreja. De fato, não é possível um encontro verdadeiro com o Filho, sem a Igreja. Não temos Jesus sem a Igreja, sem os sacramentos da Igreja, sem a Palavra de Deus que na liturgia se torna mensagem viva, Palavra que ecoa como convite de conversão.

Com Maria e como Maria, então, cantaremos o canto da alegria e da libertação. Ela cantou, como em poderosa síntese da história da Salvação, que o *Todo-poderoso fez grandes coisas* na vida d’Ela e do seu povo, e continua, na vida da Igreja e de cada um de nós. *Ele, mostrou a força de seu braço: dispersou os soberbos de coração*. Que coragem e que consciência de fé para pronunciar semelhantes palavras! Para os seguidores de Jesus e os verdadeiros devotos de Maria, abrem horizontes para a empreitada da evangelização e para a responsabilidade na vida social, cultural e política. “N’Ela – escreve o papa Francisco - vemos que a humildade e a ternura não são virtudes dos fracos, mas dos fortes, que não precisam de maltratar os outros para se sentir importantes” (EG 288).

4. À luz desses ensinamentos, hoje, convido todos vocês, que chamo de irmãos e irmãs na fé, que continuemos com renovado empenho, no projeto da nova evangelização. Um renovado esforço peço, antes de tudo, aos meus primeiros e amados colaboradores, os padres: sejamos nós, antes de tudo e de todos, homens de fé viva, fé alimentada ao fogo da oração

cotidiana, contemplativa, constante. Meu pedido se abre a todos: às religiosas e aos leigos e leigas que conosco partilham o serviço da evangelização: animadores e coordenadores de comunidades, de pastorais, movimentos. Ninguém esmoreça nesse compromisso de fé. Procuremos alimentar a esperança à escola da Palavra, seguindo o exemplo de Maria, na fidelidade às orientações da Igreja, também da Igreja diocesana. Tenhamos todos um novo e renovado vigor apostólico e missionário, com alegria e comunhão eclesial.

Dando os primeiros passos no segundo cinquentenário da Diocese, peço, com carinhosa insistência: sejamos firmes na fé que recebemos. Pais, com o exemplo e ensinamentos coerentes, procurem passar aos seus filhos a fé que receberam; Catequistas estejam à altura de atual evangelizar, procurando uma formação permanente, para iniciar na fé as novas gerações; Animadores/as e membros de Comunidades e Movimentos, caminhem com a Igreja local, com o bispo e as orientações que, ao longo destes anos oferecemos, para tornar a nossa Igreja mais fiel a Jesus.

Enfim, a festa de hoje, com suas belas leituras e orações, abre-nos à esperança de uma vida que não morre, que ultrapassa o limite da morte e acende, desde já, o desejo de vivermos em plenitude, fiéis à terra, isto é, à vida cotidiana, com seus deveres e empenhos; sem fechar mente e coração nas coisas da terra, mas *abertos às coisas do alto, a fim de participarmos de sua glória* (oração do dia). Assim seja.